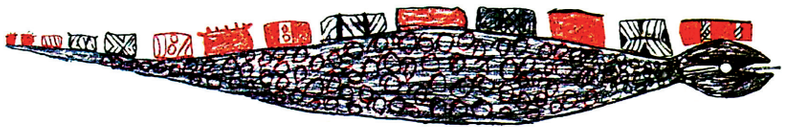
Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia

Rumo a uma nova síntese

Cristiana Barreto
Helena Pinto Lima
Carla Jaimes Betancourt
Organizadoras



Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia

Rumo a uma nova síntese

Cristiana Barreto
Helena Pinto Lima
Carla Jaimes Betancourt
Organizadoras

Iphan | Museu Paraense Emílio Goeldi | 2016

CRÉDITOS

Presidenta da República do Brasil
Dilma Roussef

Ministro de Estado da Cultura
Juca Ferreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Jurema de Souza Machado

Diretoria do Iphan
Marcos José Silva Rêgo
Andrey Rosenthal Schlee
TT Catalão
Luiz Philippe Peres Torelly

Coordenação Editorial
Sylvia Maria Braga

Projeto Gráfico
Raruti Comunicação e Design/Cristiane Dias

Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação
Celso Pansera

Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi
Nilson Gabas Júnior

Coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação
Ana Vilacy Galúcio

Coordenadora de Comunicação e Extensão
Maria Emília da Cruz Sales

Coordenação Editorial
Núcleo Editorial de Livros

Produção Editorial
Iraneide Silva
Angela Botelho

Design Gráfico
Andréa Pinheiro
(capa e editoração eletrônica)

Editora Assistente
Tereza Lobão

Fotos: Cristiana Barreto, Edithe Pereira, Glenn Shepard, Sivia Cunha Lima; Wagner Souza
Imagem da capa: Vaso da cultura Santarém, acervo Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Glenn Shepard.

Cobra-canoa (*kamalu hai*)
(desenho de Aruta Wauja, 1998; Coleção Aristóteles Barcelos Neto).

Kamalu Hai é a gigantesca cobra-canoa que apareceu para os Wauja, há muito tempo, oferecendo-lhes a visão primordial de todos os tipos de panelas cerâmicas, o que lhes conferiu o conhecimento exclusivo sobre a arte oleira. As panelas chegaram navegando e cantando sobre o dorso da grande cobra que antes de ir embora defecou enormes depósitos de argila ao longo do rio Batovi para que eles pudessem fazer sua própria cerâmica. Segundo o mito, esta é a razão pela qual apenas os Wauja sabem fazer todos os tipos de cerâmica (Barcelos Neto, 2000).

Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém : IPHAN : Ministério da Cultura, 2016.

668 p.: il.

ISBN 978-85-61377-83-0

1. Cerâmica – Brasil - Amazônia. 2. Cerâmicas Arqueológicas. I. Barreto, Cristiana. II. Lima, Helena Pinto. III. Betancourt, Carla Jaimes.

CDD 738.098115

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO IPHAN - Andrey Rosenthal Schlee 8
APRESENTAÇÃO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI - Nilson Gabas Jr. 9
PREFÁCIO - Michael Joseph Heckenberger 10
INTRODUÇÃO - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt 12
INTRODUCCIÓN - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt 14

PARTE I - A HISTÓRIA MOLDADA NOS POTES: INTRODUÇÃO A UMA LONGA VIAGEM 17

NOVOS OLHARES SOBRE AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA 19
Helena Pinto Lima, Cristiana Barreto, Carla Jaimes Betancourt

NÃO EXISTE NEOLÍTICO AO SUL DO EQUADOR: AS PRIMEIRAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS E SUA FALTA DE RELAÇÃO COM A AGRICULTURA 32
Eduardo Góes Neves

TIPOS CERÂMICOS OU MODOS DE VIDA? ETNOARQUEOLOGIA E AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS CERÂMICAS NA AMAZÔNIA 40
Fabíola Andréa Silva

QUADRO CRONOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA 50

MAPA ARQUEOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA 51

PARTE II - SUBINDO O AMAZONAS NA COBRA CANOA 53

II.1. NORDESTE AMAZÔNICO 54

LA CERÁMICA DE LAS GUYANAS 55
Stéphen Rostain

LA TRADICIÓN ARAUQUINOÍDE EN LA GUYANA FRANCESA: LOS COMPLEJOS BARBAKOEBA Y THÉMIRE 71
Claude Coutet

OS COMPLEXOS CERÂMICOS DO AMAPÁ: PROPOSTA DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO 86
João Darcy de Moura Saldanha, Mariana Petry Cabral, Alan da Silva Nazaré
Jelly Souza Lima, Michel Bueno Flores da Silva

"C'EST CURIEUX CHEZ LES AMAZONIENS CE BESOIN DE FAIRE DES VASES": ALFARERAS PALIKUR DE GUYANA 97
Stéphen Rostain

O QUE A CERÂMICA MARAJOARA NOS ENSINA SOBRE FLUXO ESTILÍSTICO NA AMAZÔNIA? 115
Cristiana Barreto

A CERÂMICA MINA NO ESTADO DO PARÁ: OLEIRAS DAS ÁGUAS SALOBRAS DA AMAZÔNIA 125
Elisângela Regina de Oliveira, Maura Imazio da SilveirA

A CERÂMICA MINA NO MARANHÃO 147
Arkley Marques Bandeira

O COMPLEXO CERÂMICO DAS ESTEARIAS DO MARANHÃO 158
Alexandre Guida Navarro

II.2. BAIXO AMAZONAS E XINGU 170

ARQUEOLOGIA DOS TUPI-GUARANI NO BAIXO AMAZONAS 171
Fernando Ozorio de Almeida

CERÂMICAS E HISTÓRIAS INDÍGENAS NO MÉDIO-BAIXO XINGU 183
Lorena Garcia

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA VOLTA GRANDE DO XINGU 196
Letícia Morgana Müller, Renato Kipnis, Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos, Solange Bezerra Caldarelli

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA FOZ DO XINGU: UMA PRIMEIRA CARACTERIZAÇÃO 210
Helena Pinto Lima, Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes

CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA DO ALTO XINGU 224
Joshua R. Toney

CERÂMICAS DA CULTURA SANTARÉM, BAIXO TAPAJÓS 237
Joanna Troufflard

CERÂMICA SANTARÉM DE ESTILO GLOBULAR 253
Márcio Amaral

AS CERÂMICAS DOS SÍTIOS A CÉU ABERTO DE MONTE ALEGRE: SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS 262
Cristiana Barreto, Hannah F. Nascimento

CERÂMICAS POCÓ E KONDURI NO BAIXO AMAZONAS 279
Lílian Panachuck

II.3. AMAZÔNIA CENTRAL 288

AS CERÂMICAS SARACÁ E A CRONOLOGIA REGIONAL DO RIO URUBU 289
Helena Pinto Lima, Luiza Silva de Araújo, Bruno Marcos Moraes

AS CERÂMICAS AÇUTUBA E MANACAPURU DA AMAZONIA CENTRAL 303
Helena Pinto Lima

CONTEXTO E RELAÇÕES CRONOESTILÍSTICAS DAS CERÂMICAS CAIAMBÉ NO LAGO AMANÃ, MÉDIO SOLIMÕES 321
Jaqueline Gomes, Eduardo Góes Neves

UMA MANEIRA ALTERNATIVA DE INTERPRETAR OS ANTIPLÁSTICOS E A DECORAÇÃO NAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS 334
Claide de Paula Moraes, Adília dos Prazeres da Rocha Nogueira

A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA 348
Jaqueline Belletti

A FASE GUARITA NOS CONTEXTOS DO BAIXO RIO SOLIMÕES 365
Eduardo Kazuo Tamanaha

A SERPENTE DE VÁRIAS FACES: ESTILO E ICONOGRAFIA DA CERÂMICA GUARITA 373
Erêndira Oliveira

II.4. SUDOESTE DA AMAZÔNIA 484

VARIABILIDADE CERÂMICA E DIVERSIDADE CULTURAL NO ALTO RIO MADEIRA 385
Silvana Zuse

A CERÂMICA POLÍCROMA DO RIO MADEIRA 402
Fernando Ozório de Almeida, Claide de Paula Moraes

CERÂMICAS DO ACRE 414
Sanna Saunaluoma

A FASE BACABAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO MÉDIO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA 420
Carlos A. Zimpel, Francisco A. Pugliese Jr.

DOS FASES CERÁMICAS DE LA CRONOLOGÍA OCUPACIONAL DE LAS ZANJAS DE LA PROVINCIA ITÉNEZ – BENI, BOLIVIA 435
Carla Jaimes Betancourt

CONTINUIDADES Y RUPTURAS ESTILÍSTICAS EN LA CERÁMICA CASARABE DE LOS LLANOS DE MOJOS 448
Carla Jaimes Betancourt

II.5. ALTA AMAZÔNIA 462

TRAS EL CAMINO DE LA BOA ARCOÍRIS: LAS ALFARERÍAS PRECOLOMBINAS DEL BAJO RÍO NAPO 463
Manuel Arroyo-Kalin, Santiago Rivas Panduro

LA CERÁMICA DE LA CUENCA DEL PASTAZA, ECUADOR 480
Geoffroy de Saulieu, Stéphen Rostain, Carla Jaimes Betancourt

CERÁMICA ARQUEOLOGICA DE JAEN Y BAGUA, ALTA AMAZONIA DE PERU 496
Quirino Olivera Núñez

COMPLEJO CERÁMICO: MAYO CHINCHIPE 510
Francisco Valdez

LA CERÁMICA DEL VALLE DEL UPANO, ECUADOR 526
Stéphen Rostain

PARTE III - PARA SEGUIR VIAGEM: REFERÊNCIAS PARA A ANÁLISE DAS CERÂMICAS ARQUOLÓGICAS DA AMAZÔNIA 541

A CONSERVAÇÃO DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA 543
Silvia Cunha Lima

GLOSSÁRIO 551
Processos tecnológicos 553
Denominações formais e funcionais das cerâmicas 568
Contextos arqueológicos das ocupações ceramistas 581
Conceitos e categorias classificatórias 589

REFERÊNCIAS 603
ÍNDICE ONOMÁSTICO 654
AGRADECIMENTOS 659
SOBRE OS AUTORES E SUAS PESQUISAS 661

CERÂMICA SANTARÉM DE ESTILO GLOBULAR

Márcio Amaral

RESUMEN

Cerámica Santarém de estilo globular

El estudio tipológico de la cerámica en las tierras bajas es objeto de ardiente debate académico que impregna el origen y la distribución de las industrias cerámicas amazónicas, y cuál metodología aplicar en la organización tipológica. En las últimas dos décadas, el trabajo de campo ha exhumado una considerable cantidad de formas y tipos de decoración no registrados o clasificados en estudios pasados, los cuales estaban principalmente enfocados a colecciones descontextualizadas. Esta situación crea posiciones divergentes, por un lado, enriquece el estudio de la cultura material, por otro, desestructura las clasificaciones anteriormente postuladas. El hecho es, que la dinámica de la industria cerámica en la cultura Santarém es perceptible en diversas formas. En este capítulo nos enfocaremos en el tipo llamado estilo globular Santarém. El material tiene características diagnósticas que nos remite a la cerámica globular registrada en las áreas Nhamundá-Trompetas, y se sitúa cronológicamente una fase anterior a la cerámica Santarém.

ABSTRACT

Globular style in Santarém ceramics

The typological study of ceramics in the lowlands is the subject of ardent academic debate that addresses both origin and distribution of Amazonian ceramics industries and what methodology is best to apply in typological analysis. In the last two decades, fieldwork has exhumed considerable amount of vessels with shapes and types of decoration unregistered or not classified in past studies that were mainly done with decontextualized collections. This situation creates divergent positions; on the one hand it enriches the study of material culture, and on the other, disrupts conventions previously postulated. The dynamics of the ceramic industry in the Santarém culture is noticeable in several ways. In this chapter we will focus on a type called globular style from Santarém. The material has diagnostic features that refers to the globular ceramic recorded in Nhamundá-Trombetas areas, dated to earlier periods than Santarém pottery. This style seems to be one of the components at the origin of the Santarém ceramics.

Introdução: origens das cerâmicas das terras baixas

A produção de objetos cerâmicos nas terras baixas amazônicas certamente foi precedida pela manufatura de utensílios perecíveis de origem vegetal, e parece estar atrelada à necessidade humana de se armazenar de maneira eficaz líquidos e alimentos sólidos, e de processamento dos mesmos. A princípio, os objetos são concebidos face às necessidades meramente funcionais e com o tempo, vasos e tigelas são imbuídos de significados simbólicos e culturais (Barreto, 2010).

Concernente à origem ou às origens de complexos cerâmicos nas terras baixas sul-americanas, acreditamos que sua emergência pode ter ocorrido por meio de invenção independente em vários pontos (Roosevelt, 1991). Todavia, isso não equaciona as problemáticas relacionadas à transferência de informação e tecnologia, o que de fato foi transferido e quais foram os mecanismos de transferência (Raymond, 2009), sendo plausível que o acesso de um grupo social à informação e tecnologia em fluxo continuado ou intermitente fosse favorecido pelo seu posicionamento em determinada área geográfica (Roe,1995).

Para o baixo curso do rio Amazonas, na região de Santarém, evidências arqueológicas da manufatura precoce de material cerâmico no Holoceno tardio apresenta as datas mais recuadas até o momento para as cerâmicas sul-americanas. O estabelecimento de uma cronologia inicial foi obtida por uma série de datações realizadas em amostras exumadas por ocasião dos trabalhos de escavação de Roosevelt (1991) no sambaqui de Taperinha, que as coloca em uma faixa cronológica entre 7000-8000 AP, anterior a qualquer complexo cerâmico conhecido para as terras baixas. A reconstituição das formas resultou em tigelas simples, de boca irrestritiva, com decoração curvilínea incisa, temperadas com areia, saibro e carvões, tendo alguns fragmentos com sinais de oxidação e fuligem na parede externa, indicativos prováveis de exposição ao fogo e uso no processamento de alimentos.

Do Formativo ao Pré-colonial Tardio

No período conhecido como Formativo, o incremento e sofisticação de complexos cerâmicos nas terras baixas, segundo Lathrap (1970) e Roosevelt (1991), toma impulso com o estabelecimento generalizado de aldeias sedentárias de agricultores ao longo das várzeas dos grandes cursos aluvionais em cerca de 5000 AP. Nesse período, a manufatura de cerâmicas já estava consolidada com características identitárias de cunho sociocultural, como uma espécie de assinatura que as ligava à determinado grupo ou área geográfica, como as séries de horizontes antigos Saladoide e Barrancoides presentes nas bacias do Orenoco e Amazonas (Evans; Meggers, 1961).

No Pré-Colonial tardio ocorreu o ápice do desenvolvimento populacional e cultural na Amazônia, com extensas áreas de terras pretas, abundância de cultura material e alterações substanciais na paisagem, que projetam um panorama sociocultural que foi subitamente atropelado pela chegada do invasor europeu. Neste período, insere-se a refinada cerâmica arqueológica de Santarém, cuja assinatura a remete historicamente aos índios Tapajós, que na década de 1970 foi denominada de fase Santarém da Tradição Inciso-Ponteado, um estilo cerâmico supostamente com origem na bacia do rio Orinoco, na Venezuela, e que é encontrado na região do Baixo Amazonas banhada pelos rios Nhamundá, Trombetas e Tapajós. (Schaan; Amaral, 2012). No período da invasão, as crônicas seiscentistas e setecentistas (Carvajal,1941;

Heriarte,1874; Acuña,1941) apontam que os Tapajós dominavam e influenciavam amplas áreas do baixo curso do rio homônimo e trechos a montante e a jusante do rio Amazonas, abrangendo cerca de 20.000 km² (Nimuendaju,1949). Nimuendaju propôs que o epicentro da cultura Tapajós seria a atual cidade de Santarém, nas áreas que constituem o seu antigo núcleo urbano e na área portuária, compondo um depósito arqueológico com mais de quatro quilômetros quadrados (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Cerâmica globular de Santarém em estratigrafia. Sítio Amapá 1. Foto Márcio Amaral.

Figura 2. Fragmento de borda do bairro Aldeia, com local de fixação de aplique pela técnica de ranhuras. Foto: Márcio Amaral.

A redescoberta da cerâmica Santarém

A redescoberta da cerâmica Santarém por investigadores não arqueólogos em meados do século XIX e início do século XX, período áureo do colecionismo ocidental, fomentado por museus europeus e estadunidenses, acabou gerando uma demanda de ondem classificatória para a cultura material coletada em sítios arqueológicos ou de posse de moradores locais em pontos diversos do baixo curso do rio Amazonas. Um dos primeiros pesquisadores a se debruçar sobre a questão das problemáticas concernentes ao surgimento, tecnologia, classificação e cronologia para a cerâmica arqueológica das terras baixas amazônicas foi Charles Frederick Hartt (1885), que curiosamente era geólogo. Hartt apresenta uma proposição de ordem classificatória para a cerâmica da cultura Marajó, com base em coletas e escavações empreendidas por ele e seus colaboradores, bem como dados comparativos entre a primeira e a cerâmica Santarém dos moradores do alto.

Tipologias classificatórias para a cerâmica Santarém

Segundo Rosa (2008), no período que compreende meados do século XIV e as primeiras quatro décadas dos XIX, havia uma busca expressiva por objetos exóticos para serem expostos em gabinetes de curiosos e antiquários. Nesse período a arqueologia não era considerada disciplina científica e a origem do material arqueológico era fruto de variadas especulações interpretativas. Da segunda metade dos XIX ao início do século XX, consagra-se como período descritivo classificatório.

No início do século XX, o difusionismo dicotômico, que associava língua e cultura material aos padrões de distribuição de conjuntos cerâmicos (Nordenskiöld, 1930) era utilizado na elaboração de sínteses históricas em arqueologia nas terras baixas, para classificações que consistiam em localizar pontos de origem e distribuição geográfica dos traços cerâmicos comuns, na tentativa de correlacionar padrões com prováveis dispersões de grupos linguísticos (Rosa, 2008).

Os primeiros estudos aplicados à cerâmica Santarém centraram-se em classificá-la com base em análises estilísticas. Segundo Schaan e Amaral (2012), os estudos em coleções de acervos arqueológicos pertencentes a museus e em coleções privadas se deram em função do alto custo com pesquisas de campo. Palmatary (1939) havia apontado que o estudo de coleções representava uma alternativa viável. Todavia, devemos considerar que a forte influência determinista nas abordagens relacionadas ao estudo da cultura material das terras baixas Amazônicas, contemplava Santarém e Marajó como "anomalias" de origem exógena, e teriam como ponto de origem regiões localizadas na América Central e nos Andes, via processos difusionistas, (Linné, 1932; Nordenskiöld; 1930), fato que restringia o estudo da cultura material às coleções museológicas.

Influenciado pelos trabalhos de Nordenskiöld (1930), o primeiro a propor uma ordem classificatória referente ao complexo cerâmico dos índios Tapajó foi Curt Nimuendaju (1949), que agrupou formas e detalhes técnicos, gerando uma série de motivos diagnósticos representados nos vasos de cariátides, nas bases trípodes, figuras sentadas, motivos mão no rosto, rãs subindo paredes, olhos aplicados e incisos em forma de grão de café entre outros.

Na década de 1930, Helen Palmatary inicia o seu trabalho pioneiro com o estudo de coleções oriundas de Santarém e do Lago Grande de Vila Franca, pertencentes a Museus da America do Norte, Suécia e Brasil.

O trabalho de Palmatary (1939, 1960) tem o mérito de não estar centrado somente em classificar tipos cerâmicos. A autora apresenta um bem elaborado contexto histórico para a região, alerta para a necessidade de trabalhos sistemáticos de campo para o vale do Tapajós, compara similaridades e diferenças técnicas existentes entre, a cerâmica de Santarém e do Marajó (que considera mais antiga) e dissocia uma relação direta entre ambas, destacando que Santarém, embora apresente motivos em preto, vermelho, sobre fundo branco (ou creme), prima pela modelagem naturalista. Segundo a autora, de mais fácil acesso a interpretação, enquanto que na cerâmica do Marajó há predominância de técnicas incisão, excisão, modelagem e pintura, com motivos geométricos complexos, que limitam o processo de interpretação.

Um segundo estudo de coleções museológicas de relevância está contido na dissertação de mestrado de Vera Lúcia Guapindaia (1993), em que a autora prima por uma caracterização tecnológica da cultura Santarém. Guapindaia utiliza como subsídios para falsear hipóteses as crônicas e relatos históricos (Carvajal, 1941; Cruz,1900; Acuña, 1941; Rojas, 1941; Betendorf, 1941; Heriarte, 1874; Daniel,1940; Spix; Martius,1981; Bates,1944) e a coleção "Frederico Barata" pertencente ao museu Paraense Emilio Goeldi, formada em sua maioria por objetos coletados na área que foi o último núcleo Tapajós em Santarém, o bairro Aldeia. Segundo Guapindaia, o estudo da coleção cerâmica suscitou a construção de um perfil tecnológico favorecendo o levantamento de problemáticas relativas à organização social dos extintos índios Tapajós.

Um terceiro trabalho relevante no âmbito do estudo de coleções está presente em "Cerâmica Arqueológica da Amazonia", publicado por Gomes (2002), com base na coleção cerâmica Santarém e Konduri, pertencentes ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, e tinha como finalidade fornecer subsídios cronológicos para as áreas Nhamundá-Trombetas e testar hipóteses de que existiria um cacicado socialmente e politicamente centralizado em Santarém. Neste estudo, a autora dispõe de dados "novos" (Pós-Palmatary), com o estabelecimento de uma cronologia preliminar, por analogia a cerâmicas datadas para o norte da América do Sul, entre 1000-1500 AD, classificadas por Meggers e Evans (1961) como pertencentes à Tradição Incisa e Ponteada.

A exemplo de Palmatary (1939,1960) e Guapindaia (1993), Gomes traça um panorama histórico e de pesquisa para o Baixo Amazonas. Para Gomes, "a classificação cerâmica instrumentalizou uma sequência cronológica hipotética" usando como critérios diagnósticos forma, decoração e tecnologia, observando que nem sempre foi possível atingir a uniformidade da nomenclatura, na medida em que existem formas, combinações de padrões decorativos e tipos de antiplástico ainda não registrados anteriormente (Gomes, 2002).

A cerâmica de Santarém

Inserida na tradição (e posteriormente horizonte) Inciso-Ponteado por Meggers e Evans (1961), a cerâmica de Santarém é geralmente representada por três utensílios diagnósticos, que são os vasos de gargalo, vasos de cariátides e vasos globulares antropomorfos e zoomorfos. No segundo quartel do século XX, Frederico Barata realizou um trabalho relevante, com propostas explicativas e meticuloso detalhamento

estilístico, considerando que a cerâmica Santarém apresenta uma regularidade monolítica que beira a monotonia Barata (1953) e Roosevelt (1992) afirma que houve uma ruptura abrupta do modo pintado ao inciso e ponteado. Para Schaan (2007), esses pressupostos constituem o fundamento para caracterizar análises tipológicas utilizadas em fases cerâmicas, como porta de acesso para explicar a entrada de outro grupo social no registro arqueológico.

Todavia, o conjunto cerâmico Santarém apresenta aspectos formais que denotam continuidade, evolução e inovações que foram incorporadas, compondo uma indústria pré-contato de alta sofisticação, que era desejada e levada para outras áreas via redes de troca (Heriarte, 1875).

A cerâmica Santarém, ao ser inserida no Horizonte Inciso-Ponteado, fica enquadrada em uma classificação onde perpassa a ideia de conjuntos cerâmicos distintos e divididos entre o modo pintado e inciso-ponteado. Isto, no entanto, não é corroborado pelas evidências presentes em contextos estratigráficos, que apresenta inclusive a fusão de ambos estilos em uma mesma peça. Sua contemporaneidade é atestada por datações realizadas em contextos bem preservados, que as coloca na mesma linha temporal. Trabalhos relevantes de Silva (2009) entre os Assurini, Barreto (2009) para o Marajó, Gomes (2010) para Santarém, discutem as implicações das técnicas decorativas, das representações e seus significados nas cerâmicas amazônicas do passado e do presente. Entretanto, essa problemática é pouco abordada pelos investigadores que parecem se preocupar mais com questões de ordem classificatória que com processos envolvidos no quadro evolutivo da cerâmica Santarém. Complexos cerâmicos contendo diferenças entre o modo pintado e inciso-modelado estão presentes em cerâmicas da tradição Borda Incisa antiga na região do Baixo Amazonas, ao exemplo da cerâmica Pocó (Hilbert, 1955), que concomitantemente apresenta os modos pintado e inciso-modelado, anteriores à Santarém em cerca de dez séculos. Isso nos leva a ponderar que estilos de artefatos diversificados na Amazônia estão associados a processos pré-coloniais de longa duração, e que nas cerâmicas das terras baixas, mudanças estilísticas podem ser elementos-chave de mudanças ideológicas e culturais nas sociedades indígenas amazônicas (Barreto, 2010)

Cerâmica Santarém de estilo globular

Como parte da dinâmica na manufatura cerâmica, processos de invenção, interação, empréstimos e reinvenções precisam ser considerados para as terras baixas e para a região do baixo curso do rio Amazonas, sendo a região de Santarém uma provável área de convergência cultural em períodos pretéritos.

A não observância deste fato nos tolhe a oportunidade de perceber processos de mudança cultural. Com isso, perdemos a oportunidade que deveria ser, na verdade, o foco da pesquisa arqueológica (Schaan, 2007). Um exemplo provável de reinvenção para a área de Santarém está caracterizado em um tipo cerâmico que lembra o estilo globular, presente nas calhas dos rios Nhamundá-Trombetas (Oriximiná, Terra Santa, Faro), descritas e datadas primeiramente por Hilbert, (1955), tendo como característica principal a sobreposição de esferas como possíveis representações zoomorfas, sendo desconhecidas as suas formas.

O estilo globular de Santarém está distribuído inicialmente nas áreas que compreendem o sitio urbano de Santarém (Prainha, Centro, Aldeia, Porto), margens do baixo Tapajós, Rio Arapiuns, Lago Grande de Vila Franca e nas áreas de planalto ao sul de Santarém, mapeadas e escavadas no âmbito dos projetos de Salvamento BR-163 e Selva Cultivada, onde trabalhos de prospecção e escavações revelaram um

modo pintado, com apliques modelados, que guarda semelhanças com o estilo globular nas áreas Nhamundá-Trombetas (Gomes, 2002; Amaral, 2004; Schaan; Amaral, 2012). As cerâmicas de estilo globular parecem ter influenciado as cerâmicas da fase Aldeia no centro de Santarém e áreas de planalto, pois vasos globulares zoomorfos e antropomorfos denotam nas bases em pedestal uma clara influência deste estilo, além de grafismos e incisões presentes em vasos clássicos da Tradição Inciso-Ponteado (Amaral, 2004). Este fato parece indicar que ocorreram processos de aprimoramento, empréstimos e evolução na indústria cerâmica regional, ao contrário de substituições abruptas. Neste sentido, Gomes (2002) identifica uma forma de evolução nas representações modeladas que se tornam naturalistas. Um ponto singular na cerâmica de estilo globular de Santarém é a sua borda reforçada externa, derivada de utensílios que possuíam borda vertical ou extrovertida, e que em determinado período passaram a ser dobradas, formando um dos traços diagnósticos deste estilo. Os apliques modelados na forma de urubu e asas estilizadas são fixados nas bordas dos vasos pela técnica de ranhuras, uma característica própria da cerâmica Santarém (Figuras 3 e 4).

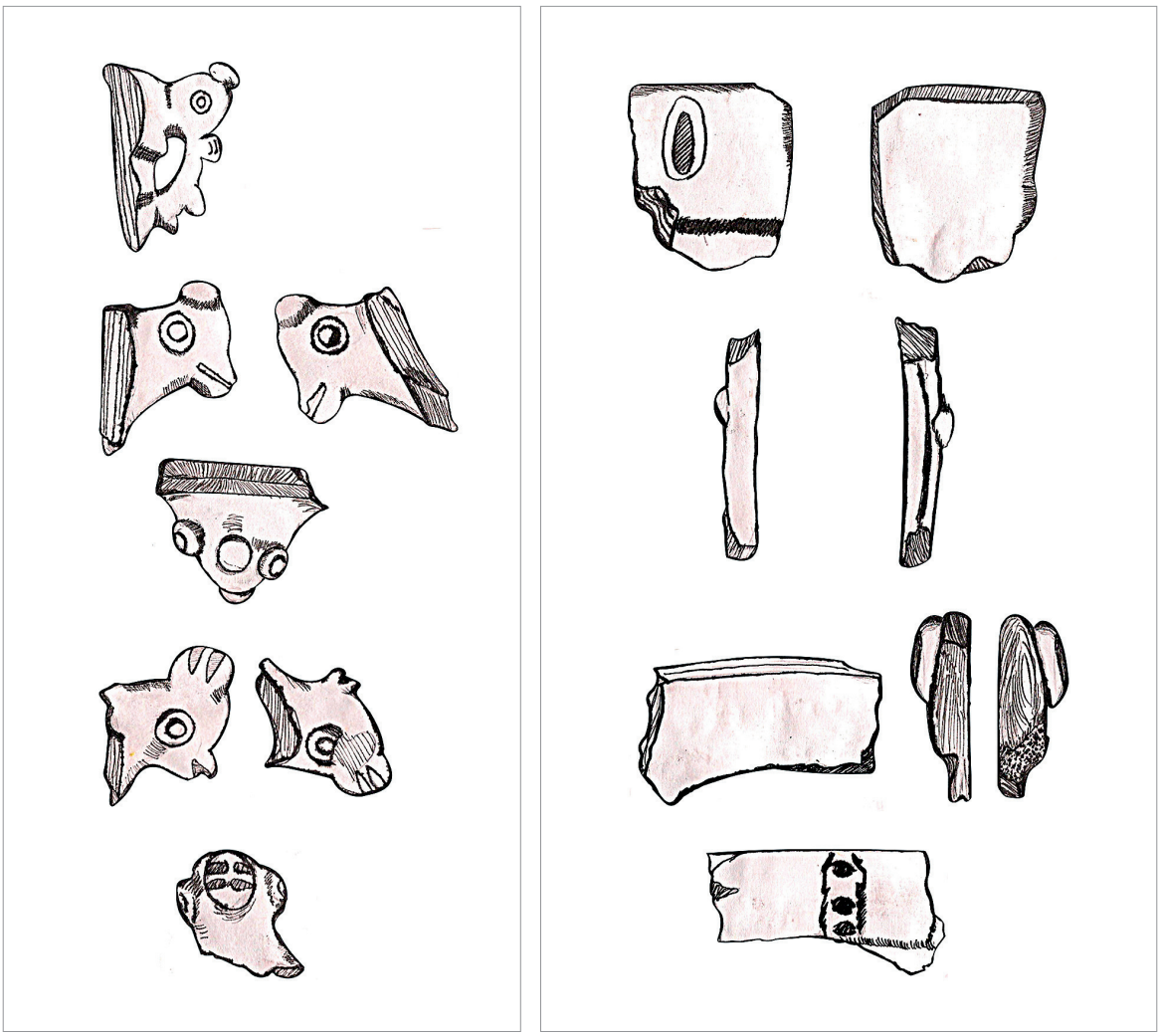


Figura 3. Apliques modelados com superfície aplicada com ranhuras. À esquerda apliques zoomorfos; à direita apliques sobre borda com botões e filetes aplicados.

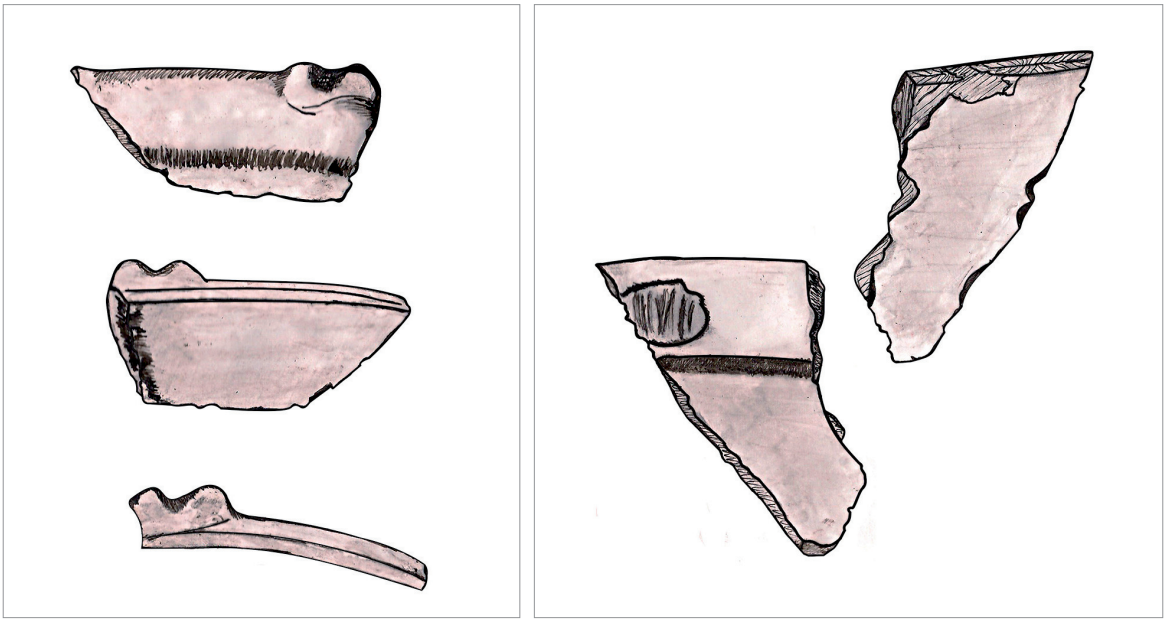


Figura 4. Fragmentos de borda com apliques. À esquerda, aplique no lábio, formando asa; à direita negativo de aplique com ranhuras.

Com base em reconstituições de fragmentos registrados em superfície e no pacote estratigráfico foi possível inferir que as vasilhas apresentam forma, modos de manufatura e técnicas decorativas similares a tigelas tronco cônicas invertidas (bordas extrovertidas, flanges labiais e base em pedestal). Com inovações que incluem a utilização de tampas, provavelmente encaixáveis em um canal existente no lábio, tendo na borda representações modeladas e no corpo pintura policroma, estas parecem indicar mudanças socioculturais no universo cerâmico Santarém, em um período próximo à chegada dos primeiros invasores europeus no século XVI (Figura 5).

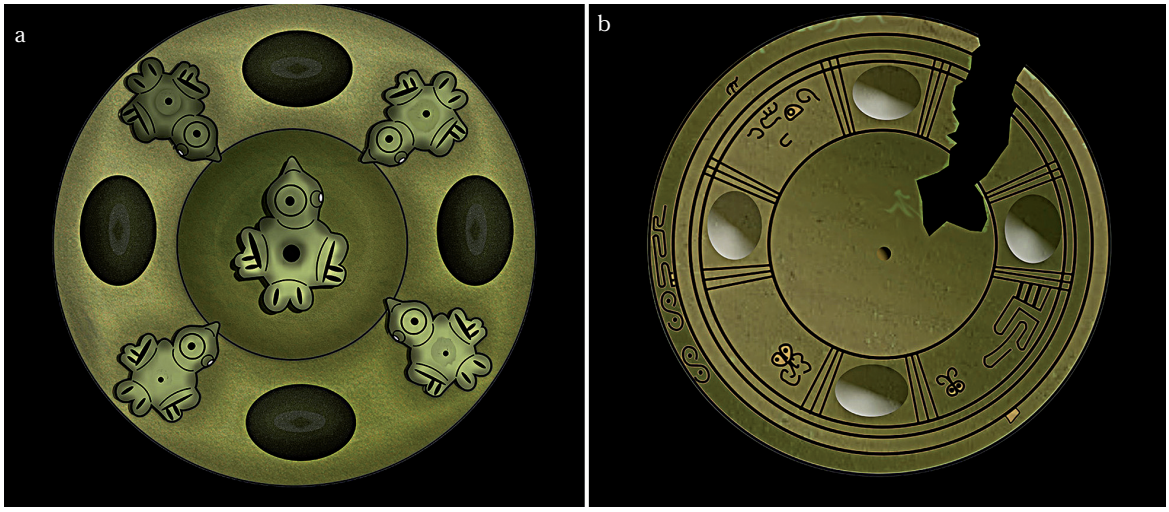


Figura 5. Provável tampa de estilo globular de Santarém encontrada na rua 24 de outubro. 5a) Face externa; 5b) Face interna. Vetorização de desenho por Luciana Leal.

Considerações finais

As crônicas apontam que no período do contato o centro da ocupação tapajônica na cidade de Santarém estava localizado um pouco a oeste do bairro Aldeia (mercado velho), e posteriormente deslocado para oeste, aos pés do morro da fortaleza. Para efeitos elucidativos, comparativos e cronológicos (pré-colonial, contato e colonial) serão necessários trabalhos sistemáticos de campo nestas três áreas do sitio urbano, para constatação de mudanças sincrônicas e diacrônicas na indústria cerâmica Santarém, favorecendo a compreensão e interpretação de mudanças socioculturais, como as observadas na cerâmica globular de estilo Santarém.

Também é preciso considerar que "variações" de estilo nem sempre são obras de invasão ou trabalho de oleira menos hábil ou aprendiz; e que processos de evolução local devem ser considerados, pois os "Tapajós" persistiram na linha temporal ao menos por cinco séculos, e certamente não chegaram (se é que chegaram) com uma indústria cerâmica pronta. Outras respostas podem ser exumadas nos sítios sedimentados localizados na faixa arenosa existente entre a margem do rio e a base do platô, bem como em suas bordas, que apresentou cerâmicas não datadas que fornecem indicativos de antiguidade e evolução que podem ter culminado com a cerâmica Santarém clássica registrada no período da invasão europeia.

Por fim, classificações cerâmicas e suas interpretações consistem em uma temática que historicamente tem suscitado acirrados debates acadêmicos e que segue sendo uma problemática a ser melhor trabalhada na arqueologia das terras baixas.

Guardadas as disputas acadêmicas, estamos longe de obter uma forma de classificação cerâmica isenta de falhas. O que tem contribuído de maneira positiva para a busca de novas respostas é o desenvolvimento da pesquisa de campo nas últimas duas décadas, onde novas formas ou tipos vão surgindo e desconstruindo classificações anteriores postuladas, abrindo desta maneira perspectivas para novas propostas classificatórias, metodológicas e interpretativas para a cerâmica Santarém.